

Nós partilhamos um só corpo: identidade e *role-playing* numa comunidade virtual portuguesa

Anabela Gradim*

Conteúdo

Para uma definição de Comunidade Virtual	2
Algumas considerações metodológicas	5
O Fórum Concursos visto ao espelho	7
“Uma espécie de identidade”	15
Conclusão	24
Bibliografia	26

The reality of contemporary online communication bears only a faint resemblance to either the computerized searches of fiction or the promised land confidently described by experts – a landscape of multi-média presentations in a 500-channel universe of perpetual shopping, wrestling, and cinema. Instead, the online universe of conferences, newsgroups and forums is filled with mute pleas and responses typed to the world in often execrably spelled and grammatically eccentric prose”, **Tom Koch**, *The Message is the Medium*

Passaram doze anos desde que Rheingold popularizou a expressão comunidade virtual, referindo-se à Well,¹ um conjunto de cibernautas da área de S. Francisco, em rápida expansão. Nessa obra, as comunidades virtuais são definidas como “agregados sociais surgidos na rede, quando os intervenientes de um debate

*Universidade da Beira Interior, www.ubi.pt

¹. No clássico **RHEINGOLD**, Howard, **A Comunidade Virtual**, 1993, Gradiva, Lisboa, de que existe também desde há anos versão integral na página web do autor (www.rheingold.com). Note-se que a obra é de 1993, mas a Well (Whole Earth ‘Lectronic Link) está a celebrar 20 anos, pois existe desde 1985.

o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”.² Desde então tal definição tem sido amplamente problematizada, e o debate longe de atingir um termo.

Num ambiente onde definitivamente *the message is the medium*,³ as comunidades de que falava Rheingold aumentaram exponencialmente em número, e são de uma variedade quase ilimitada. Em Portugal a chegada do fenómeno não teve o impacto bombástico de outras paragens, e o desenvolvimento de “comunidades” ocorreu de forma muito mais lenta e atenuada. Basta lembrar que a *www* começou a ser conhecida do público em geral em meados de 1995, mas difusão do computador pessoal, a banda larga e as tarifas planas só chegariam muito posteriormente. É pois recente, por cá, a possibilidade de ficar *online all the time for everyone*.

O propósito do presente trabalho é aprofundar, problematizando-o, o conceito de comunidade virtual. Postas as condições que a definem – e que permitirão distingui-la de outros espaços públicos – tratará o modo como se forjam as identidades nesses espaços, e do que está em jogo quando um sujeito projecta, recria ou inventa uma ou múltiplas personagens (não por acaso do latim, *persona*: máscara; e em Jung “personalidade que o indivíduo apresenta aos outros como real, mas que, na verdade, é uma variante às vezes muito diferente da verdadeira”).

Estabelecidas as linhas metodológicas deste estudo, serão depois aplicadas sobre uma das comunidades virtuais portuguesas mais dinâmicas e bem sucedidas: o Fórum Concursos do Educare, criado pela Porto Editora.

Para uma definição de Comunidade Virtual

É vasta a configuração possível das comunidades virtuais, – dos pré-diluvianos *MUDs* operados por *telnet*, aos *MUSHes*, *MUSEs*, e *MOOs* de interface gráfico e 3D, passando por formatos mais simples mas não menos populares como os fóruns, *newsgroups* ou *mailing-lists*, até à explosão dos *blogs* - hoje *toddlers* na galáxia dos ciber-mundos – à volta dos quais em alguns casos também se cimentam verdadeiras comunidades de pertença e partilha.

É inevitável a pergunta: o que tem esta massa heteróclita de personagens e associações em comum, para merecer o nome de comunidade? E que problemas específicos importam estas pelo facto de serem realidades ditas “virtuais”?

Não é de hoje a dificuldade em definir o conceito de comunidade. Numa primeira aproximação, comunidade parece ser o conjunto daqueles que partilham

². *Idem*, p. 18.

³. Expressão empregue por Tom Koch para referir a predominância dos conteúdos sobre o *medium*, invertendo o clássico aforismo de MacLuhan. KOCH, Tom, *The Message is the Medium – Online All the Time for Everyone*, 1996, Praeger Publishers, Westport.

ou têm algo em comum (um mesmo espaço físico, problemas, crenças religiosas, interesses, ou ideologias...) – mas se esta é uma condição necessária, não é certamente condição suficiente. Dito de outra forma: uma classe de indivíduos com algo em comum não constitui por si só uma comunidade.

O espaço onde se joga a comunidade e o sentimento de pertença que lhe é próprio é lábil, tem fronteiras difusas, e para além de diferentes indivíduos o perceberem de forma distinta, o “contrato social” em que se baseia pode ser objecto de negociações e ajustes. Onde localizar então o *quid*, o sopro que transforma um conjunto de indivíduos com algo em comum numa comunidade? Mais do que uma definição essencialista – que também tem o seu lugar - comunidade poderá ser entendida como processo, “o processo comunicativo de negociação e produção de uma comunalidade de sentido, estrutura e cultura”.⁴ Até meados do século passado, comunidade era habitualmente vista pressupor como condição necessária a existência de um *espaço físico comum* – e compreende-se, pois historicamente as comunidades humanas nasceram pela verificação de tal condição. Mas hoje, numa sociedade profundamente mediatizada, de que as CMC⁵ serão apenas uma última aquisição, tal já não é verdadeiro. Fernback⁶ sugere a oportunidade de encarar comunidade não já meramente como uma entidade física (embora também o seja), mas como realidade simbólica ou *comunidade de sentido*, isto é, de adoptar uma visão que privilegia “*substance over form*”.⁷ Para lá dos aspectos físicos, uma comunidade virtual é real porque assim é percebida pelos seus membros, que lhe atribuem um significado, e se envolvem emocionalmente com as actividades que aí são prosseguidas.

Comunidade seria “um complexo de ideias e sentimentos”⁸ que dão corpo a uma identidade⁹ apta a extravasar limites físicos. É formada a partir do processo de comunicação entre os seus elementos, que lhe conferem significado, dão sentido a normas sociais, e estabelecem regras, hierarquias, e um património comum que constitui o legado dessa comunidade. Não parece pois exagerado dizer que, enquanto processo e entidade simbólica, as comunidades virtuais se assemelham muito às comunidades IRL.¹⁰

⁴. FERNBACK, Jan, “There is a There There: Notes Toward a Definition of Cybercommunity”, in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London, p. 205.

⁵. Acrónimo de *Computer Mediated Communication*.

⁶. Jan Fernback, *op. cit.*

⁷. *Idem*, p. 209.

⁸. *Idem*, p. 210

⁹. E até isto já é bastante discutível com o aparecimento dos *bots*. Cf. TURKLE, Sherry, *A vida no ecrã – a identidade na era da internet*, 1997, Relógio D’Água, Lisboa, e a deliciosa história de Júlia.

¹⁰. Acrónimo de *In Real Life*. A este propósito: “As is our experience of community off-line, our experience on-line is similar. The sense of community is palpable, yet evanescent”, in

Temos então que, mais do que um limite geográfico, a especificidade da comunidade é ser relação, comunicação, ou, para empregar uma terminologia cara aos medievais, comunidade é *ens rationis*, um ente de razão.¹¹ É um facto que ela existe num espaço físico, o processo e os ficheiros daí resultantes são congelados em servidores, e podem ser recuperados a qualquer momento, é formada por pessoas *in re* que dispõem de alguma ligação física àquela Agora, etc. Mas a comunidade não está em nenhuma dessas coisas nem se deixa capturar aí – ela vive no espírito dos seus membros, onde é sonhada, imaginada, e recriada vezes sem conta – possui o tal carácter entitativo mínimo que é viver no espírito daqueles que a concebem, emergindo das relações por estes estabelecidas com os demais.

Tomando como assente que comunidade é sobretudo *ens rationis*, esta questão da espacialidade também se coloca de forma muito aguda nas comunidades virtuais, tomando a seguinte forma: ela conta com um suporte material – que mais não seja os servidores onde os materiais comuns são armazenados, e o *software* que a torna possível – mas nunca é rigorosamente possível demarcar os seus limites físicos, nem tão pouco declarar a sua presença, ou ausência, num dado momento.

A este propósito tomemos como exemplo o Fórum Educare: como determinar numa dada altura o número de membros? Este nunca coincide, obviamente, com o número de registos. E mais espinhosa se torna ainda a questão se a transformarmos num problema ontológico. Quando se pode declarar a morte ou desaparecimento da comunidade? Quando a Porto Editora desligar os servidores? Quando alguns dos elementos mais assíduos e respeitados deixarem de aparecer? E quantos abandonos seriam necessários para declarar a sua extinção? Não é uma questão de resposta imediata, nem para observadores nem para os próprios, como aliás o provam os *posts* recorrentes sobre o alegado decaimento da “qualidade”, ou mesmo a questão que varreu o fórum há mais de um ano atrás, sobre *posts* muito pessoais, que foram entendidos por alguns participantes como *off topic*.¹²

JONES, Steve, “Information, Internet and Community: Notes toward an understanding of community in the information age”, in *Cybersociety: revisiting CMC and Community*, ed. Steve Jones; 1998, Sage Publications, London.

¹¹. “*Ens Rationis* é o que depende da razão, opondo-se ao ente real porque não tem nenhum ser nem existência fora do intelecto, mas só objectivamente — enquanto conhecido — reside na razão. É um tipo de ente, embora com um carácter entitativo mínimo, porque é conhecido como se fora um ente real, mas não tem existência física nas coisas do mundo. Todo o ente de razão resulta da actividade cognitiva pois é o nosso próprio modo de conhecer que constrói apreensivamente como ente o que não é ente, pelo que todo o ente de razão resulta da cognição. Há dois tipos de ente de razão: negação e relação, sendo este último que ocupa João de São Tomás. A relação é um ente de razão porque é puro “ser para” e portanto não pode ser concebida absolutamente (em si), nem em outro sujeito, mas como “em direcção a outro””, TOMÁS, João de São, *Tratado dos Signos*, trad., introd. e notas Anabela Gradim, 2001, col. Pensamento Português, Imprensa nacional Casa da Moeda, Lisboa, p. 288.

¹². Trata-se da questão, que foi debatida no fórum sob o nome de “os seres da floresta”, e que conduziu, se não ao abandono total, pelo menos ao abrandamento dos *posts* desse tipo.

A comunidade desapareceu nessa ocasião? Ou terá desaparecido quando registou o ingresso de grande número de professores muito jovens que monopolizaram alguns *threads*? A acreditar na pesquisa empírica que suporta este estudo, não. E este é o significado de caracterizar comunidade como *processo* de produção de *sentido*, uma realidade muito instável e em permanente renegociação.

O que é então afinal uma comunidade virtual? “Uma arena na qual paixões são inflamadas, problemas são resolvidos, laços sociais são formados, a tirania é exercida, o amor e a morte são celebrados, nascem legados, dividem-se facções, e alianças são dissolvidas. É uma arena de estudo rica para académicos, cibercomunitários, e os curiosos”.¹³ Ou, como o colocam alguns inquiridos deste estudo: um local onde se “partilham dificuldades e alegrias”, se “esclarecem dúvidas”, “trocam opiniões”; onde se encontra “união, boa vontade, respeito, ajuda e convívio”, mas também o inverso: as “agressões” o “insulto fácil” a “falta de civismo” e a “desunião”. Em suma “um bom observatório para a psicologia social” devido “à vida pulsátil dos seus frequentadores, ao jogo de emoções e às suas diferentes respostas”.

Algumas considerações metodológicas

Ao apresentar este estudo, impõe-se desde logo clarificar a metodologia empregue. Optou-se, desde o início, pela tentativa de integrar métodos qualitativos e quantitativos, seguindo a sugestão de Sudweeks & Simoff¹⁴ que defendem ser esta a abordagem mais apropriada para capturar toda a riqueza das novas realidades induzidas pela emergência das CMC.

As técnicas de pesquisa em Ciências Sociais podem dividir-se em dois grandes grupos. Por um lado a abordagem “positivista”, que após a formulação de um problema procura caracterizá-lo em termos de variáveis quantificáveis que a pesquisa empírica confirmará ou não. Há também a possibilidade de uma abordagem de tipo “hermenêutico”, em que se busca “compreender e interpretar o indivíduo em relação ao seu “estar no mundo”” através da “imersão em situações que permitem a emergência de descobertas durante o processo de investigação”.¹⁵

A análise quantitativa pressupõe o teste de hipóteses através de variáveis quantificáveis que descrevem o objecto, e pode implicar ainda “análise de dados ex-

¹³. FERNBACK, Jan, “There is a There There: Notes Toward a Definition of Cybercommunity”, in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London, p. 217.

¹⁴. SUDWEEKS, Fay, “Complementary Explorative Data Analysis: qualitative & quantitative principles”, in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London.

¹⁵. Op. cit., p. 31. Este é o método defendido por Susan Barnes, e de que encontramos excelentes exemplos nas obras, já mencionadas, de Rheingold, Turkle, Koch, e Heim.

ploratória”, isto é, a reformulação da hipótese inicial à medida que novos dados vão alimentando a pesquisa.

No método qualitativo, “o interesse centra-se nas características qualitativas do fenómeno. Em vez de tentarem quantificar cada detalhe, estes métodos tentam captar a forma, o conteúdo e alguns constrangimentos do fenómeno investigado, e analisar as suas qualidades”.¹⁶

O objecto, na pesquisa qualitativa, é o *case study*, e implica o contacto do pesquisador com os participantes, e a observação directa, que são a principal fonte de dados. Os métodos utilizados nesta abordagem “hermenêutica” são a entrevista e, para usar a terminologia de Susan Barnes, a *observação etnometodológica*. O investigador também pode partir quer de um problema geral, escolhendo um caso particular como objecto de pesquisa (*instrumental case study*); quer de um caso que lhe suscite interesse, lançando então a pesquisa (*intrinsic case study*), caso em que o seu papel é mais pessoal e participativo.¹⁷

Sudweeks & Simoff sugerem que a metodologia ideal para tratar as realidades emergentes das CMC é uma aproximação e conjugação entre os dois métodos: “A razão é que as fraquezas de cada um dos métodos – quantitativo ou qualitativo – são contrabalançados pelos pontos fortes do outro”.¹⁸ Não estão sozinhos. Além de uma boa dose da pesquisa sobre comunidades virtuais existente hoje se basear precisamente na observação directa, os trabalhos de epistemologia sobre investigação em CMC apontam no mesmo sentido. Caso de Susan Barnes e Lori Kendall: “Eu nunca teria a audácia de sugerir que todos os projectos de pesquisa em ciências sociais deveriam incluir a observação directa e participativa. Contudo, em relação à pesquisa em fóruns interactivos on-line, é isso mesmo que recomendo”.¹⁹

Esta investigação pode ser classificada no campo dos *intrinsic case studies*, que tenta conjugar métodos quantitativos com qualitativos, para responder a duas simples questões: Chegou a constituir-se uma Comunidade no Fórum Concursos da Porto Editora? Sendo um fórum anónimo, como se constroem as identidades nesse espaço? Além da observação directa da vida da comunidade, por um período de aproximadamente três anos; foi aplicado um inquérito *on line* aos seus participantes, que além de questões tipicamente quantificáveis, incluía várias perguntas de resposta aberta, e espaço para comentários nas questões semi-fechadas. Com as perguntas abertas, a intenção era mimar, embora de modo empobrecido,

¹⁶. *Idem*, p. 32.

¹⁷. A tipificação é de Sudweeks, *op. cit.*, p. 35.

¹⁸. *Idem*, p. 37. Para uma enumeração dos pontos fortes e fracos de cada método, cf. o mesmo artigo.

¹⁹. KENDALL, Lori, “**Recontextualizing Cyberspace: Methodological considerations for on-line research**”, in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London, p. 57.

a entrevista directa. Embora sem a precisão de um inquérito realizado *in praesentia*, onde as questões podem ser revistas, exploradas e detalhadas ao pormenor, os resultados obtidos com a *semi-entrevista* foram bastante satisfatórios.

É pois chegada a altura de descrever o nosso objecto de estudo.

O Fórum Concursos visto ao espelho

O Fórum do Educare é um caso de sucesso. Com mais de 56.000 mensagens trocadas apenas desde o início de 2005, este espaço é frequentado maioritariamente por professores, mas também sindicalistas, pais, raros estudantes, agentes provocadores, e alguns funcionários do Ministério da Educação, tendo-se constituído como um *locus* de convívio e lazer, organizado em torno de preocupações e dúvidas comuns. Amizades e afectos, opiniões e debates, aflições, questiúnculas, disputas e rivalidades pontuam o dia-a-dia do fórum, que conta com a presença assídua e intervenção diária de boa parte dos seus membros, alguns dos quais vieram posteriormente a estabelecer relações de amizade *in re*, assinaladas por um encontro que teve lugar na região centro do País, e de que haverá segunda edição em Outubro deste ano.

O Fórum surgiu em 2000, ano em que a Porto Editora lançou o Educare.pt, e inicialmente as participações eram totalmente anónimas. Depois de algumas vicissitudes devido ao anonimato completo, hoje os participantes têm de estar obrigatoriamente registado, a partir de um *e-mail*, e o acesso a este espaço, para colocação de *posts*, é vedado a utilizadores que não tenham efectuado o seu registo. O número total de registados na base de dados é de, aproximadamente, 50 mil, número a considerar tendo em conta os relatos de duplos, triplos, e até mais registos, que por vezes aparecem no fórum.

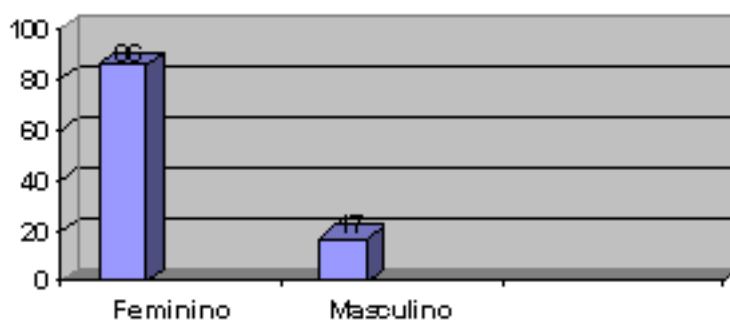
Em termos de participações diárias, o número é muito variável, consoante as diferentes fases do concurso. Segundo a Porto Editora, em Maio do corrente ano a participação média cifrava-se em 500 mensagens por dia. Em momentos especiais, como durante a saída de listas ou colocações, as participações chegam a ultrapassar o milhar por dia. Mas mesmo sem *posting*, a participação é elevada, registando a Porto Editora uma média de 7 mil sessões por semana.

O inquérito que sustenta este estudo foi realizado na segunda semana de Setembro, tendo-se obtido 103 respostas ao questionário. Embora não seja possível objectivar quanto representam, em termos percentuais, relativamente à população total do fórum, estas respostas; pela observação desenvolvida nestes três anos parece bastante representativa dos utilizadores regulares, incluindo os participantes mais antigos e assíduos.

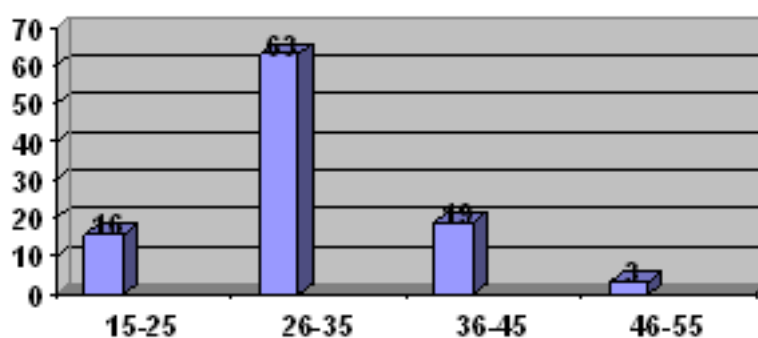
A amostra caracteriza-se da seguinte forma. Dezassete por cento dos participantes são do sexo masculino, e 83 por cento do sexo feminino, um número que não espelha as estatísticas de acesso à Internet nacionais, onde o número de ho-

mens é ligeiramente superior (57% contra 51%),²⁰ mas que reflecte a elevada taxa de feminização da classe docente no ensino não superior. A esmagadora maioria dos inquiridos, 62%, tem entre 26 e 35 anos; seguindo-se, com 19%, o grupo dos que têm entre 36-45 anos; os jovens entre os 15 e os 25 anos representam 16%, sendo que neste grupo 15 anos representa o limite mínimo, e corresponde apenas a um inquirido, enquanto todos os outros são maiores de 20; o grupo dos 46 aos 55 anos representa 3% do universo de inquiridos, e 55 coincide com o limite máximo de idade nas respostas recebidas.

Distribuição por Sexo



Idade dos Participantes



²⁰. In *Inquérito à utilização das TIC pela população portuguesa – dados preliminares de 2004*, disponível em: http://www.internet.gov.pt/publicacoes/estatisticas/OIC_2004_%20IUTIC%20041109.pdf, p. 10.

Sensivelmente metade dos participantes no fórum colocam *posts* com frequência (49%), e um número idêntico assume-se como observador (49%), enquanto 2% não sabem ou não respondem. No caso dos observadores, verificaram-se em alguns casos inconsistências relativamente às respostas sequentes (escolhem *nicks*, ou usam vários *nicks*, por exemplo) que podem resultar de má interpretação da pergunta.

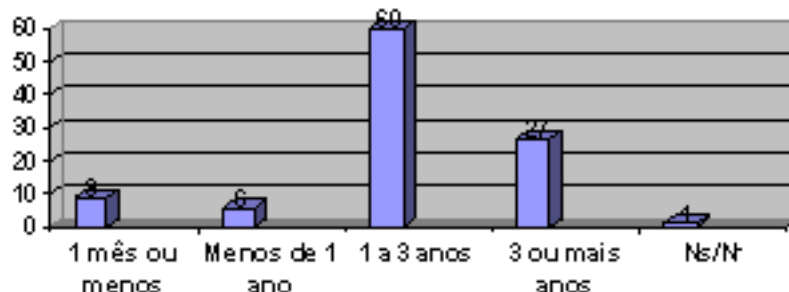


Noventa e nove por cento dos utilizadores acedem ao Fórum concursos preferencialmente a partir de casa, e apenas um por cento a partir de um ponto de acesso público. A maioria (58%) participa no Fórum há entre 1 e 3 anos; 26% fazem-no há mais de 3 anos; 6% há menos de um ano; 9% há menos de 1 mês, e 1% não sabe ou não responde.



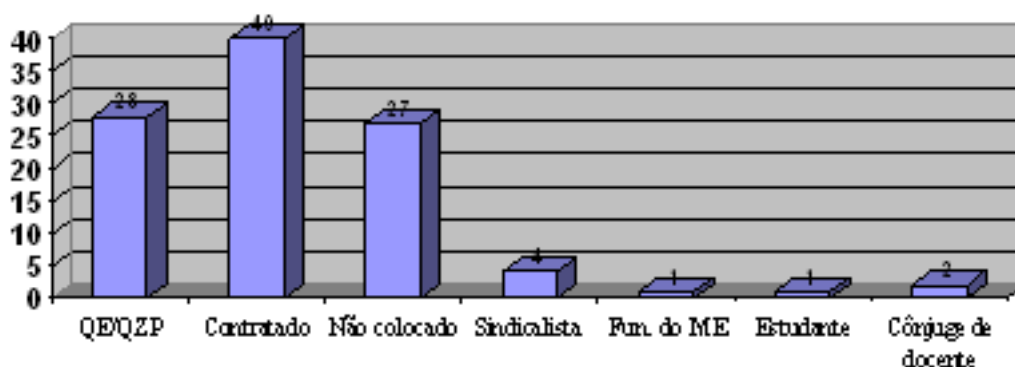
A caracterização profissional dos inquiridos espelha a riqueza e diversidade dos participantes, e também a heterogeneidade de situações no interior desta classe profissional. Trinta e nove por cento são docentes contratados, 27% são docentes

Tempo de participação



pertencentes aos quadros, 26% são docentes não colocados; e há ainda 4% de sindicalistas, 1% de estudantes e funcionários do Ministério da Educação, e 2% de cônjuges de docentes.²¹

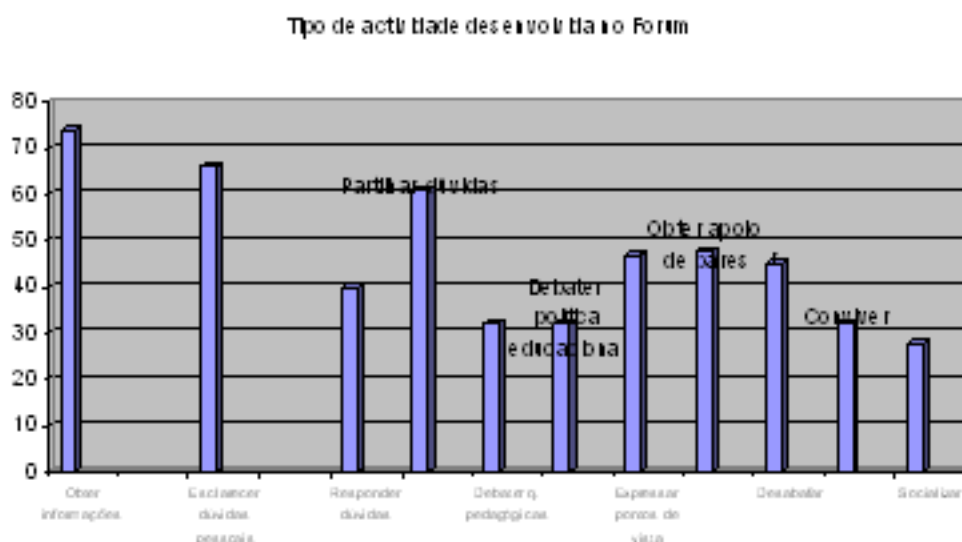
Profissões



Relativamente ao tipo de actividades desenvolvidas no fórum, pediu-se que classificassem de 0 a 10 a frequência com que participam em diversas categorias de acções. Para a apresentação dos dados expõe-se a média, em escala de 0 a 100, dos pontos obtidos por cada categoria, sendo que, por se tratar de uma média, é representativa do conjunto global de actividades, mas não da de cada sujeito em particular. Por exemplo, há inquiridos que só colocam dúvidas, como há inquiridos que apenas respondem a dúvidas, etc. A distribuição da média de actividades pode ser analisada no quadro seguinte, contando-se, como actividades mais fre-

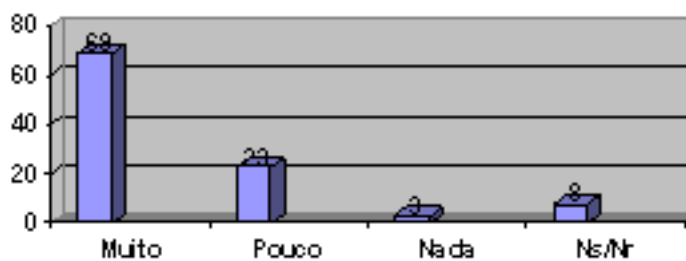
²¹. Embora “cônjuge de docente” não seja uma profissão, a situação apareceu referida em dois inquéritos, na rubrica “outros”.

quentes e populares, todas com valores médios acima dos 60 pontos percentuais o “Obter informações genéricas”, “Esclarecer dúvidas pessoais” e “Partilhar Dúvidas sobre concursos”.



Por outro lado, a satisfação dos participantes com a utilização do Fórum é notória, o que explicará certamente o sucesso deste e o elevado número de frequentadores. À pergunta “Considera que as **expectativas** com as quais se dirige ao fórum **são satisfeitas** por este?” 67% responderam que satisfaz Muito essas expectativas, 22% Pouco, 3% Nada, e 8% não sabem ou não respondem.

Satisfação das expectativas quando se dirige ao Fórum

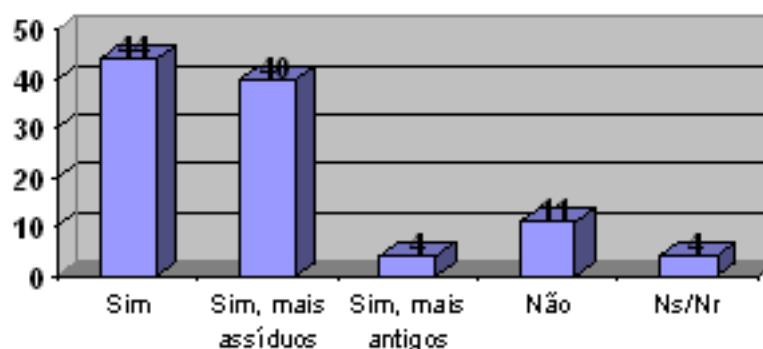


Com base no estudo conduzido junto desta amostra, recordemos que a questão inicial principal era determinar se o Fórum Concursos do Educare configurava

algum tipo de comunidade, aquilo que se convencionou chamar de *Comunidade Virtual*.²² Apuramos que, na definição desta, uma componente fundamental é o facto de ser processo de criação de sentido, e de *viver* no espírito dos seus membros, fundando-se mais no estabelecimento de laços pessoais do que na presença assídua dos seus membros ou na quantidade de mensagens trocadas. Em suma, ser aquilo que chamamos de *ens rationis*. A esta luz, para determinar se o Fórum Concursos é uma comunidade, o mais apropriado é inquirir os membros a esse respeito – pois comunidade será declarada consoante a representatividade do sentimento subjectivo de cada um a esse propósito.

Os resultados do inquérito sobre este ponto são inequívocos: 85% dos participantes consideram que o Fórum é uma comunidade, 11% consideram que não, e 4% não sabem ou não respondem. No caso das respostas afirmativas, estas dividiam-se em três categorias: 42% consideram tratar-se de uma comunidade, sem qualquer outra qualificação; 39% acham que constitui uma comunidade, mas só no caso dos participantes mais assíduos; e 4% respondem o mesmo, mas reservam o termo ao caso dos participantes mais antigos.

Considera que o Fórum constitui algum tipo de comunidade?



Como aspectos positivos da comunidade, e que contribuem para a sua classificação como tal, encontram-se à cabeça

- “o trocar de informações e opiniões”,

²². Noto que esta designação já foi criticada e posta em causa, com o argumento de que “virtual” é o que não tem existência, e que sendo as comunidades constituídas através de CMC reais, é um contra senso apelidá-las de virtuais. A questão tem demasiado que se lhe diga para pretender aqui dirimi-la (pode ser analisada à luz da querela medieval *Reales vs. Nominales*). Parece-me apta a designação, por isso a venho utilizando, pois *virtual* refere-se não à questão ontológica, mas ao facto de falarmos de comunidades constituídas a partir de comunicações mediadas por computador.

- “a quantidade de informação” e o facto de “se obterem respostas credíveis e fiáveis”.
- “rapidez” e “informações sérias”
- “o facto de encontrar pessoas com o mesmo tipo de problemas, e que compreendem o que estou a passar”,
- um certo “caos” e “desorganização” de que resultam a possibilidade de abordar os mais variados assuntos,
- “a troca de ideias, dúvidas, informações, problemas, alegrias, a troca de poesia e humor”,
- “o convívio”,
- “a entreaajuda entre colegas”,
- “a partilha de problemas e opiniões”,
- a percepção de que “há muita gente na minha situação”, algo percebido como “reconfortante” por “saber que não sou a única em desespero”,²³

ou, nas palavras de outro participante:

- “poder desabafar acerca do estado de ansiedade em que me encontro, apercebendo-me de que não estou sozinha em tais circunstâncias”.
- “haver sempre alguém que nos anima” ou “apoia”,
- “dar e receber”,
- “partilhar o desassossego”,
- “o facto de ser um ponto de confluência representativo da comunidade educativa”.
- “o estar sempre actualizado e nele circular uma enorme massa de informação, além de estar sempre disponível”.²⁴

²³. “[Agrada] ... o facto de reconfortarmo-nos por sabermos que existem pessoas na mesma situação que nós:..”.

²⁴. Trata-se da possibilidade de satisfazer dúvidas em fins de semana ou feriados, e fora das horas normais de “expediente”, pois o fórum está “aberto” desde o início da manhã até ao princípio da madrugada.

- espaço de “*livre expressão de opinião*” e de “*pluralidade*”, onde é possível “*comunicar com pares*”,
- a confirmação de “*haver ainda pessoas que se dizem docentes, com grande vontade de ajudar o próximo*”;
- “*a presença de pessoas que se preocupam com o ensino e que estão sempre prontas a prestar esclarecimentos e debater ideias, e o bom humor que esporadicamente por lá aparece*”;
- “*a união, boa-vontade, respeito, ajuda e convívio*” que ali se podem encontrar.

Por fim, papel cada vez mais desempenhado por *blogs* e outros espaços virtuais, o Fórum Concursos do Educare rompe com a unidimensionalidade do pensamento ou tendência mediática dominante, ou seja:

- “*veicula opiniões e informações não manifestadas pelos meios de comunicação social*”.

Todos estes aspectos, aqueles que mais “*agradam*” são outras tantas pistas para o facto de naquela infra-estrutura oferecida pela Porto Editora se ter estabelecido uma comunidade bem sucedida, quando muitas outras em tudo semelhantes nunca obtiveram tal índice de sucesso.

Como aspectos negativos do Fórum, que contribuem para o desgaste da comunidade, foram sobretudo mencionados:

- “*os insultos e a usurpação de nicks*”
- “*as discussões e comentários pouco correctos*”
- “*o flaming e as agressões*”
- “*participações despropositadas e ofensivas*”
- “*os ataques pessoais*”
- “*a falta de respeito de alguns participantes, que nem sempre são professores*”
- “*a forma como algumas pessoas brincam com situações que são difíceis para outros colegas*”
- “*brincar com a desgraça alheia*”

- *“as intrigas ou manias”*
- *“o facto de aumentar a ansiedade face aos concursos, devido a informações falsas colocadas por pessoas com nicks usurpados”*
- *“os boatos que se espalham facilmente e aumentam a ansiedade”*
- *“as especulações”*
- *“os intrusos que vão para o fórum difamar alguns participantes”*
- *“haver participantes a gozar e a ridicularizar os colegas, e os correctores ortográficos”*
- *“excessivo corporativismo” e o reverso, “desunião da classe docente”*
- *“a desinformação propositada”, ou seja, “as informações erradas, quando dadas propositadamente para causar inquietação”*
- *“o pessimismo de alguns participantes”*
- *“a intolerância pelas opiniões alheias”*
- *“insultos graves por parte de anónimos”*
- a *“superficialidade” e “futilidade de alguns posts”*

Em suma:

- *“a falta de civismo... a ignorância sobre o sistema educativo, a sua história, a sua essência; a crítica fácil desinserida de um conhecimento da realidade; a autofagia da classe docente demasiado acentuada nos professores jovens (o egocentrismo perceptível em muitas intervenções)”*.

“Uma espécie de identidade”

Neste ponto do trabalho pretendia-se avaliar alguns aspectos atinentes à questão da identidade. Recorde-se que o Fórum tem conhecido períodos particularmente movimentados neste domínio – desde o aparecimento de personagens de puro entretenimento, algumas muito interessantes e elaboradas; até manifestações do lado *hydeano* de alguns participantes; para terminar numa onda de *posts* bastante impróprios, verificada este Verão, que configuravam um verdadeiro ataque, e que

levou a Porto Editora a intervir, ameaçando identificar e proceder judicialmente contra os prevaricadores.²⁵ Este *post*, datado dessa altura, resume bem o episódio:

Como disse a, era um "cenário dantesco"

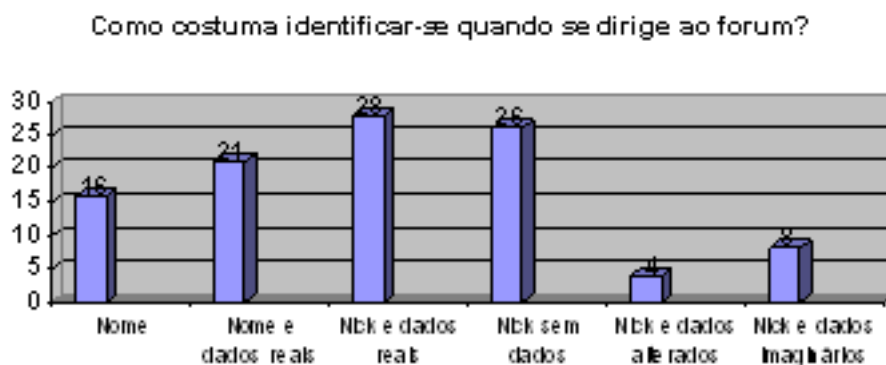
- (27-08-2005)

quando acordei ontem, vi os posts e reparei em algumas mensagens em meu nome a comentar a minha vida sexual (pois...), mas não dei importância. Pela manhã fora, apercebi-me q tal acontecia com os colegas até q chegamos a um ponto em q qualquer mensagem nossa era repetida, sendo-lhe acrescentados "conteúdos obscenos". Progressivamente, fomos abandonando o Fórum, e mandamos mails para o Educare. Às 13.50, liguei p o Educare (provavelmente outros fizeram o mesmo) e a sra q atendeu disse q a responsável resolveria o problema qdo voltasse do almoço. Assim, foi, baniram o usurpador de nicks, colocaram a mensagem q agora se vê etb um filtro, para q não passem mensagens col termos impróprios. Apagaram os posts, mas era uma coisa do pior!

No Fórum os casos de *nicks* múltiplos são evidentes,²⁶ e um uso tão inapropriado, como o que ocorreu este Verão, do relativo anonimato permitido pela Porto Editora é claramente situação de excepção. Sendo que muitas das participações de *nicks* com “história” e “personalidade” próprias são de grande valor, os participantes foram inquiridos sobre o modo como costumam identificar-se naquele espaço. Dezasseis por cento utilizam o próprio nome, e 20% empregam o próprio nome e fornecem ainda dados reais. Parece haver alguma correlação entre a idade dos participantes e o facto de se identificarem com o próprio nome e pormenores que permitem identificação, sendo que tendem a ser tanto mais “verdadeiros” na sua apresentação quanto maior o escalão etário. A explicação de um dos participantes para uma entrada tão transparente num fórum de anónimos é, a este respeito, esclarecedora: “[identifiquei-me com nome e dados reais] ... porque nem pensei noutra possibilidade, uma vez que era a primeira vez que participava num fórum”.

²⁵. Este aviso surgiu durante algum tempo em todas as páginas do Fórum: “Na sequência da utilização abusiva deste espaço por parte de alguns utilizadores ao longo dos últimos dias, o EDUCARE.PT informa que irá agir em conformidade e denunciar estes casos junto das autoridades competentes. Lembramos que todas as participações se encontram registadas na nossa base de dados, juntamente com os endereços de e-mail e IP de cada utilizador, e que esses dados que servirão para apurar a identidade e responsabilizar os infractores”.

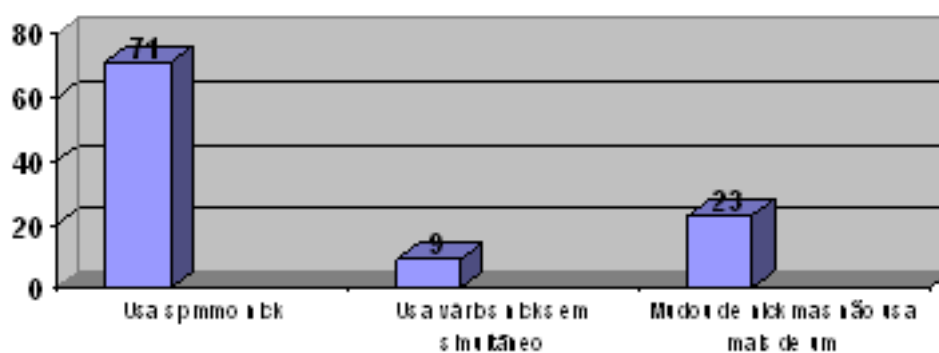
²⁶. São evidentes e, simultaneamente, nunca são inequívocamente dirimíveis. Supõe-se que x é y, acusa-se z de ser g, pergunta-se a h se é j – mas nem a resposta, quando a haja, se pode garantir que provenha daquele que é questionado.



Vinte e sete por cento dos inquiridos identificam-se com um *nick* e fornecem dados reais; 25% identificam-se com um *nick* sem fornecer quaisquer dados; 4% utilizam um *nick* e dados alterados; e 8% *nick* e dados imaginários.

Através destes dados, poderíamos supor que a galeria de personagens que vem ora animando, ora entretendo, ora provocando o Fórum, tem origem em não mais do que oito participantes. Ao mesmo tempo, conclui-se que o anonimato, garantido pela utilização de nicks, é a regra (64%), embora este possa ser quebrado, casuisticamente, fora do fórum.

Desde que acede ao Fórum

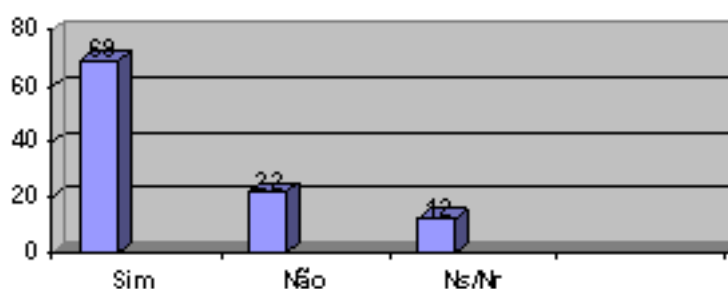


A esmagadora maioria dos inquiridos mantém-se fiel ao mesmo *nick* desde que acede ao Fórum (69%), uns significativos 22% já mudaram de *nick*, mas não usam vários em simultâneo; e 9% empregam vários ao mesmo tempo.

Esta percentagem mantém-se estável no quadro seguinte, que oferece os resultados da resposta à seguinte questão: “**Identifica-se totalmente com o *nick* que**

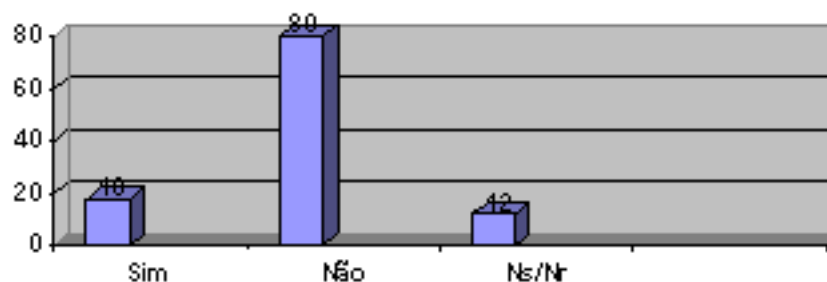
utiliza? Isto é, considera que a sua personalidade, do ponto de vista das qualidades, é idêntica à personalidade manifestada no fórum?”. Sessenta e sete por cento identificam-se totalmente; 21% não se identificam totalmente com o *nick* do ponto de vista das qualidades, e 12% não sabem ou não respondem.

Identifica-se totalmente com o nick que utiliza?



À questão de saber se “existe alguma diferença entre o carácter que ostenta o *nick*, e o seu modo de estar quotidiano quando não se encontra no fórum?”, 11% não sabem ou não respondem, 16% consideram que existe diferença, e 73% que não há qualquer diferença.

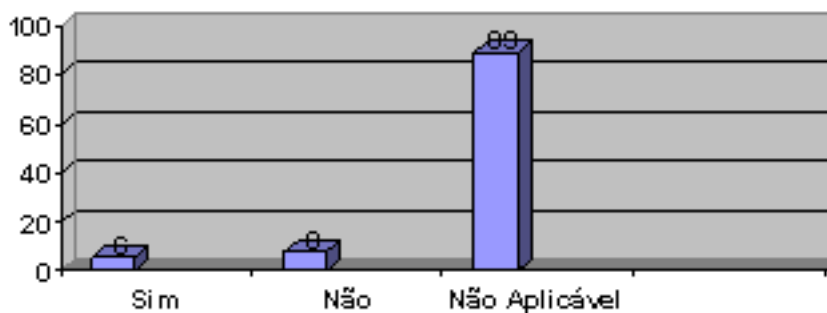
Diferença entre o nick e o seu criador



Por outro lado, só seis por cento dos inquiridos admitem que, utilizando vários *nicks*, os traços de personalidade exibidos por cada um deles são distintos, contra oito por cento que utilizam vários *nicks* cuja “personalidade” não se altera, e 86% a quem tal questão não é aplicável. O emprego de vários *nicks* em simultâneo serve para exprimir “*diferentes matizes de humor*” e “*não equivale a uma “personalidade” diferente, mas sim ao uso de mais ou menos ironia, por exemplo...*”

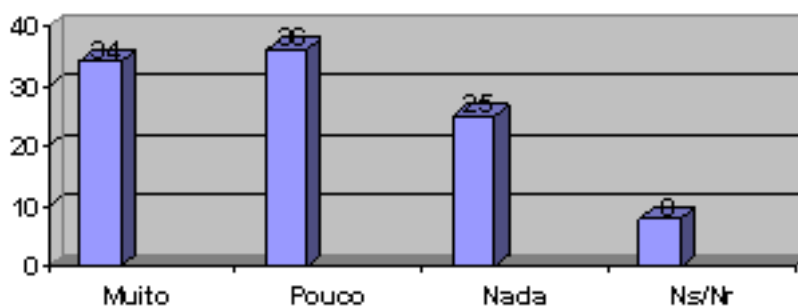
Já o *attachment* dos inquiridos ao *nick* ou nome com que intervêm e ao papel que estes desenvolvem junto da comunidade, parece muito elevado. À pergunta

No caso de utilizar vários nicks, as «personalidades» destes são diferentes entre si?

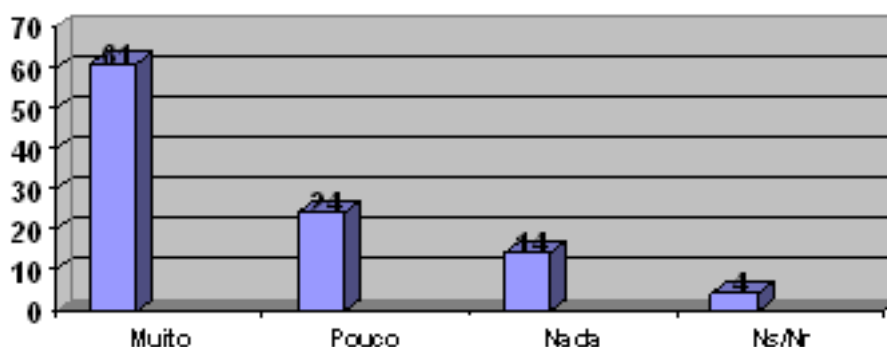


“Se o *nick*/nome com que costuma intervir fosse atacado, difamado ou ridicularizado por outros participantes, isso afectá-lo-ia?”, trinta e três por cento responderam que se sentiriam muito afectados, 35% pouco afectados, e só 24% nada afectados. A explicação para o número relativamente baixo dos que ficariam “muito afectados” prende-se com o facto de desqualificarem os possíveis agressores, que se escondem por trás do anonimato, e cujos motivos podem não ser muito claros. Mas que a *performance* do *nick*/nome preocupa os utilizadores, isso é um dado inequívoco, pois a usurpação é vista como algo de muito negativo. Os 59% que se importam pouco ou nada com um ataque, descem para 37% quando falamos de usurpação. À questão seguinte: “Se o seu *nick* fosse usurpado e utilizado em posts impróprios, isso afectá-lo-ia?”, 59% se sentir-se-iam mesmo muito atingidos, o que denota cuidado expressivo com a *performance* da respectiva personagem no Fórum.

Um ataque ao *nick* afectá-lo-ia?



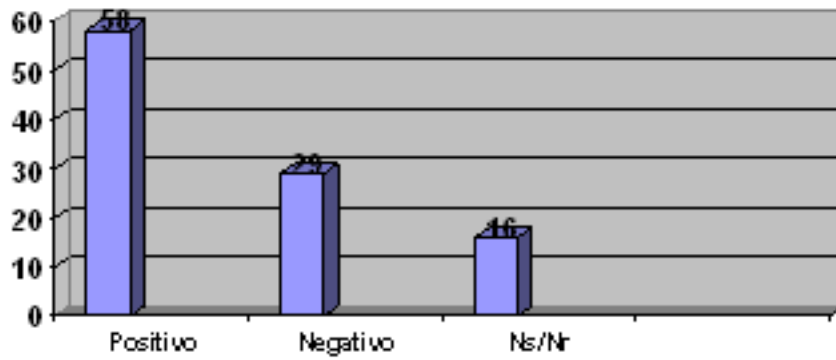
Importância de nick usurpado



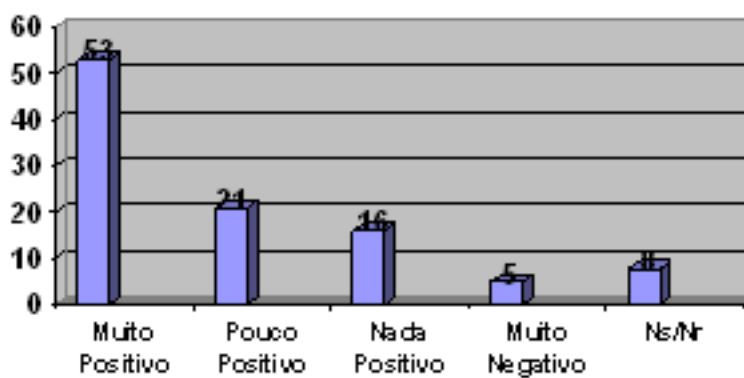
Por fim, o anonimato no Fórum é encarado como positivo por 56% dos participantes, ao passo que 28% o consideram um dos aspectos negativos. Mesmo assim, uma percentagem elevada não obstará à existência de um moderador, que lesse e filtrasse a totalidade dos *posts* (50%), o que não é de todo incompatível com a manutenção do anonimato, 20% consideram essa eventualidade pouco positiva, e 15% muito negativa. Do lado dos defensores da quebra de anonimato e/ou introdução de um moderador os argumentos são “a existência de certos excessos humanos que devem ser contidos” e o facto de algumas participações “contribuírem para degradar a imagem dos professores”. Pelo contrário a manutenção deste *status quo* é vista por outros como positiva porque “dá mais liberdade de intervenção aos participantes. Portugal ainda sofre os atavismos do salazarismo, e muitas pessoas por vezes escusam-se a dizer o que realmente pensam. Anonimato aqui representa mais liberdade – a qual pode ser bem ou mal utilizada”, além disso “com o anonimato é possível conhecer todo um conjunto de opiniões, por mais cruas ou irreflectidas que sejam”. Em suma, “evitar-se-iam infiltrações e conversas francamente ordinárias que pouco têm a ver com o tema do fórum, mas por outro lado seríamos presa do politicamente correcto – e já há excesso disso na sociedade portuguesa”.

O *attachment* ao nome ou *nick* com que a maioria dos participantes intervêm no Fórum é evidente, e uma das explicações possíveis é a parca distância em muitos casos, entre a “personagem” e a entidade IRL que lhe dá origem. Mas o que torna a questão mais complexa é o facto de em muitas situações em que há identificação total com o *nick* não se atribuir importância a ataques ou insultos; e em outros casos, quando existe distância entre autor e *nick*, o apreço pela personagem ser muito elevado, o que indica que a experiência da identidade num fórum anó-

Considera o anonimato no fórum algo de



A introdução de um moderador no Forum seria algo de



nimo é vivida de forma diversificada pelos participantes. É hora, pois, de passar a palavra aos proprietários dos *nicks*, e ver o que sobre isto, têm a dizer.

Muda-se de *nick*, quer utilizando vários em simultâneo, quer matando o anterior e renascendo, para:

- *“responder a pessoas que conheço e não pretendia que terceiros me identificassem”*
- *“para não ser reconhecida”, “manter a privacidade” e “proteger a identidade”*
- *“para produzir afirmações que o nick principal não pode ou não quer fazer”*
- *“por assumir diferentes matizes da minha personalidade”*
- *“um é a pessoa séria que responde a dúvidas... os outros servem para dar descascas, brincar, colocar poesia, etc...”*
- *“porque não gosto de usar muito tempo o mesmo e assim posso ir mudando a forma como posto. Isto é, cada vez que mudo de nick é como se mudasse a minha personalidade e me tornasse noutra pessoa. No entanto não uso mais do que um em simultâneo porque penso que assim chegaria a uma altura em que nem eu próprio sei quem sou”*
- *“normalmente uso o meu nome e um apelido abreviado. É a “personalidade normal”. Se o post foge a esta “personalidade normal” (por ser mais provocatório ou duro) uso um outro nick mais imaginativo. Os diferentes nicks (...) correspondem a disposições diferentes, a níveis diferentes de tolerância perante as opiniões dos outros. Às vezes, a capacidade de responder pedagógica e serenamente a uma opinião que considero imbecil é próxima do zero...”*
- *“tenho um nick para responder e colocar questões. Uso esporadicamente outros para situações de brincadeira, mas sem passar os limites do respeito pelos outros”*
- *“o nick serve para impedir o reconhecimento, mas para colocar dúvidas é necessário empregar dados reais”*
- *“evitar situações menos agradáveis se tiver de me cruzar com alguns colegas na escola” pois “infelizmente existem pessoas muito críticas e mal educadas no fórum”*

- *“o fórum é também um lugar catártico e, infelizmente por isso, de alguma agressão verbal”, por isso se muda de nick e se evita “fornecer dados reais”*

Ou simplesmente muda-se de nick:

- *“Por nenhum motivo especial. A dado momento, achei outro nick mais giro que o primeiro”!*

Mas com maior ou menor distanciamento da personagem encarnada pelo *nick*, os ataques e difamações; e mais ainda as usurpações, são vistos como uma actividade especialmente gravosa – de tal modo que foram na generalidade apresentados como motivo para a quebra de anonimato. Mas a latitude de que se reveste esta quebra do contrato de anonimato também varia grandemente, havendo quem advogue a sua impossibilidade pura, quem defenda a introdução de um ou mais moderadores (mantendo, ou não o anonimato dos *posts*); e finalmente o registo de *nicks* para impedir usurpações, também nas versões com e sem quebra de anonimato. Sensivelmente metade dos participantes apreciaria a existência de um moderador ou o fim do anonimato. De que sofreremos quando um *nick* é atacado ou usurpado, e por que é isso grave?

- *“Ninguém gosta de se sentir ridicularizado e enxovalhado. Sobretudo se o nome é usado para dar informações falsas”*
- *“é grave pois pelo menos naquele espaço o nick constitui uma espécie de identidade, mesmo que não corresponda exactamente ao seu dono”, isso torna a usurpação “um grande abuso”*
- *“porque o nick, ali, é uma entidade que tem uma personalidade própria”*
- *“não mereço [ataques] e não o faço a ninguém. Respeito os outros e gosto que me respeitem a mim”*
- *“seria uma forma indirecta de me atacar, difamar ou ridicularizar. Como o meu nick inclui parte do meu nome, essa ridicularização seria ainda mais acentuada”*
- *“se costumo usar um nick, é óbvio que todas as mensagens que surgem associadas a ele são também associadas a mim, ainda que não me conheçam”*
- *“porque como tudo o que escrevo é verdadeiro, seria um ataque à minha pessoa”*

- *“porque iria afectar a confiança que os outros participantes depositam em mim”*
- *“consideraria que se tratava de uma espécie de atentado ao meu bom nome e conduta”*
- *– “embora não sabendo quem eu sou, eles estariam a ferir a minha personalidade, o “eu mesmo”, e a minha imagem, ainda que anónima, estaria a ser denegrida”*

Em todo o caso, com a banalização das situações, a gravidade tende a esbater-se,

- *– “porque tenho uma boa auto-estima e esse tipo de situações não me incomodam”*
- *– “porque é um nick, não é o meu nome. Assim, dá para manter uma certa distância e proteger os meus sentimentos”*
- *– “porque o meu nick é conhecido e quem é utilizador assíduo do fórum sabe que só falo de certos assuntos, e quando o faço é com respeito”*
- *– “nesta situação do fórum não é fácil perceber até que ponto os ataques são reais ou apenas vindos de alguém que não tem mais nada que fazer senão utilizar o fórum como brincadeira”*
- *– “já fui várias vezes insultada e o meu nome posto a ridículo em alturas de espera mais angustiante. Agora já afecta menos”*
- *– “[não se importar absolutamente nada] é a melhor resposta ao ataque, à difamação e à ridicularização”*

Conclusão

A realidade de uma comunidade é evanescente. Quando bem sucedidas são um poderoso instrumento, de informação, convívio, terapia. . . podendo ser utilizadas pelos seus membros com fins muito diversos. Algumas tornaram o seu acesso pago, como a Well ou a Usenet. Outras viram nascer a montante movimentos e associações de interesses mais restritos, caso do Fórum Concursos, que esteve na origem do MQED – Movimento de Quadros de Escola Desterrados²⁷, ou dos Professores Contratados.²⁸

²⁷. <http://pwp.netcabo.pt/desterrados/default.htm>

²⁸. <http://www.professorcontratado.pt.vu/>

Um dos aspectos mais curiosos é que não basta criar uma infra-estrutura apta a receber participações públicas, e publicitá-la, para que “comunidade” aí se verifique. O nascimento de uma comunidade nunca pode ser provocado exogenamente, como o provam a existência de dúzias de fóruns sem sucesso. As interações de que vêm a resultar comunidades são um processo misterioso, miraculoso e frágil, mas também tenaz e incrivelmente resistente. Não há receitas para a produção de comunidades participadas e dinâmicas, mas há, pelo menos, dois ingredientes que não são de desprezar: acesso às CMC por parte do público-alvo, e interesses, problemas ou questões comuns que o acesso à comunidade pode ajudar a suavizar ou resolver.

As identidades que se constroem em estruturas do tipo do Fórum Concursos são também muito diferentes das dos *muds*. Neste aspecto, o fórum da Porto Editora é um objecto particularmente interessante e exótico, porque aí encontramos o “ciber-transformismo” e a construção de personagens em tons e matizes muito diversos, e tal variedade não é a regra em estruturas deste tipo. O sucesso do Fórum, e o pulular de identidades, estão indelevelmente associados ao anonimato garantido pela Porto Editora – e é sintomático que a empresa nunca o tenha eliminado, apesar dos problemas e conflitos a que por vezes dá origem; e que os próprios participantes tenham a percepção da contribuição desse anonimato para a diversidade e o pulular de vida e personagens no fórum.

Nos *muds* encontramos o forjar de identidades de linha dura, *ie*, personagens de vida alternativa que chegam a sobrepor-se à criatura IRL que lhes deu origem. Já no Fórum Concursos as “personagens” são mais matizes de uma mesma identidade, *flavours* de uma personalidade que se vão actualizando consoante as interações em curso (o poeta, o brincalhão, o prestável, o zangado, o brejeiro...). Aliás, tudo indica que uma parte das participações de *anónimos-sem-história* são produzidas por residentes que querem dizer algo, mas não desejam macular a imagem do *nick* principal. Porque o *attachment* de todos à personagem principal é notório – como o demonstram as fortes reacções à usurpação de *nicks*. Nessas relações anónimas estabelecidas entre pares, o *nick* é “só um nome”, e “aquilo não sou eu” – mas toda essa distância ou indiferença são posições trabalhadas e racionalizadas. Mexer com o *nick* de outrem só não é percebido negativamente quando houve esse trabalho prévio de distanciamento e racionalização. De outro modo, pode ser só uma bofetada num anónimo que todos desconhecem, mas é-o também no eu substancial que suporta o acidente que aquele anónimo é. E não dói menos por isso.

Bibliografia

- **BARNES**, Susan, “**The presentation of the self: theories and Methods**”, comunicação apresentada nas Jornadas “CMC, Identidades e Género”, realizadas na Universidade da Beira Interior em Abril de 2005.
- **BAYM**, Nancy, “**The emergence of on-line community**”, in *Cybersociety: revisiting CMC and Community*, ed. Steve Jones; 1998, Sage Publications, London.
- **BURBULES**, Nicholas, “**Rhetorics of the web: hyperreading and critical literacy**”, in *Page to Screen – taking literacy into the electronic era*, ed. Ilana Snyder, Routledge, 1998, London.
- **COSTIGAN**, James T., “**Forests, Trees and Internet Research**”, *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London.
- **DANET**, Brenda, “**Text as Mask: Gender, Play, and Performance on the Internet**”, in *Cybersociety: revisiting CMC and Community*, ed. Steve Jones; 1998, Sage Publications, London.
- **ESS**, Charles, “**CMC and Human-Computer Interaction**”, in *The Blackwell Guide to the Philosophy of Computing and Information*, ed. Luciano Floridi, 2004, Malden: Blackwell.
- **FERNBACK**, Jan, “**The individual within the Collective: Virtual Ideology And the Realization of Collective Principles**”, in *Virtual Culture, Identity and Communication in Cybersociety*; ed. Steve Jones, 2002, Sage Publications, London.
- **FERNBACK**, Jan, “**There is a There There: Notes Toward a Definition of Cybercommunity**”, in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London.
- **GRAU**, Oliver, *Virtual Art – from Illusion to Immersion*, 2003, The MIT Press, Cambridge.
- **GORNIK-KOCIKOWSKA**, Krystyna, “**The Computer revolution and Global Ethics**”, in *Computer Ethics and Professional Responsibility*; ed. Terrell Ward Bynum and Simon Rogerson; Blackwell, 2004, London.
- **HACKING**, Ian, *Rewriting the Soul – Multiple Personality and the Sciences of Memory*, 1995, Princeton University Press, New Jersey.
- **HARRISON**, Theresa, “**Researching and creating community networks**”, in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London.

- HARVEY, Pierre-Léonard, *Ciberespaço e Comunática – Apropriação. Redes. Grupos Virtuais*, Instituto Piaget, 1995, Lisboa.
- HEIM, Michael, *The Metaphysics of Virtual Reality*, 1993, Oxford University Press, Londres.
- JOHNSON, Deborah, “**Computer Ethics**”, in *The Blackwell Guide to the Philosophy of Computing and Information*, ed. Luciano Floridi, 2004, Malden: Blackwell.
- JONES, Steve, “**Studying the Net –Intricacies and Issues**”, in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London.
- JONES, Steve, “**Information, Internet and Community: Notes toward an understanding of community in the information age**”, in *Cybersociety: revisiting CMC and Community*, ed. Steve Jones; 1998, Sage Publications, London.
- KENDALL, Lori, “**Recontextualizing Cyberspace: Methodological considerations for on-line research**”, in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London.
- KOCH, Tom, *The Message is the Medium – Online All the Time for Everyone*, 1996, Praeger Publishers, Westport.
- KOLKO, Beth, “**Dissolution and Fragmentation: Problems in on-line communities**”, in *Cybersociety: revisiting CMC and Community*, ed. Steve Jones; 1998, Sage Publications, London.
- KRESS, Gunther, “**Visual and Verbal modes of representation: the potentials of new forms of text**”, in *Page to Screen – taking literacy into the electronic era*, ed. Ilana Snyder, Routledge, 1998, London.
- LÉVY, Pierre, *Cibercultura*, 2000, Instituto Piaget, Lisboa.
- LOADER, Brian D., *A Política do Ciberespaço*, 1999, Instituto Piaget, Lisboa.
- McLAUGHLIN, Margaret *et alia*, “**Virtual Community in a Telepresence Environment**”, in *Virtual Culture, Identity and Communication in Cybersociety*; ed. Steve Jones, 2002, Sage Publications, London.
- MITCHELL, William J., *E-topía: “Urban life, Jim – but not as we know it”*, 2001, Editorial Gilli, Barcelona.
- MORAN, Charles, and Hawisher, Gail, “**The rhetorics and languages of electronic mail**”, in *Page to Screen – taking literacy into the electronic era*, ed. Ilana Snyder, Routledge, 1998, London.

- **PENROSE**, Roger, *A Mente Virtual (The Emperor's New Mind)*, 1997, col. Ciência Aberta, Gradiva, Lisboa.
- **POSTER**, Mark, “**Virtual Ethnicity: Tribal Identity in an age of global communications**”, in *Cybersociety: revisiting CMC and Community*, ed. Steve Jones; 1998, Sage Publications, London.
- **RHEINGOLD**, Howard, *A Comunidade Virtual*, 1993, Gradiva, Lisboa.
- **SUDWEEKS**, Fay, “**Complementary Explorative Data Analysis: qualitative & quantitative principles**”, in *Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Web*, ed. Steve Jones, Sage Publications, 1999, London.
- **TOMÁS**, João de São, *Tratado dos Signos*, trad., introd. e notas Anabela Gradim, 2001, col. Pensamento Português, Imprensa nacional Casa da Moeda, Lisboa
- **TURKLE**, Sherry, *A vida no ecrã – a identidade na era da internet*, 1997, Relógio D'Água, Lisboa.
- **WATSON**, Nessim , “**Why we argue about virtual community: a case study of the phish.net fan community**”, in *Virtual Culture, Identity and Communication in Cybersociety*; ed. Steve Jones, 2002, Sage Publications, London.
- **WECKERT**, John, “**Giving Offense on the Internet**”, in *Computer Ethics and Professional Responsibility*; ed. Terrell Ward Bynum and Simon Rogerson; Blackwell, 2004, London.